



**JOGOS
FUNERÁRIOS**



MARY RENAULT

JOGOS FUNERÁRIOS

TRADUÇÃO
Mário Avelar

 FARO
EDITORIAL



O ZIGURATE DE BEL-MARDUK ESTAVA EM RUÍNAS HAVIA UM SÉCULO E meio, desde que Xerxes humilhara os deuses da rebelde Babilônia. As bordas dos seus terraços desmoronados eram escombros de betume e tijolo de adobe. Cegonhas faziam seus ninhos no topo arruinado, onde antes ficava a câmara do deus e de sua concubina sagrada, com o leito de ouro. Mas isso era só aparência. O enorme zigurate desafiava a destruição. Os muros da cidade interna além do Portão Marduk tinham noventa metros de altura, mas o zigurate ainda os dominava com sua estrutura imponente.

Perto, ficava o templo do deus; este, os homens de Xerxes haviam conseguido destruir. O que restava do telhado estava remendado com palha suportada por rústicas vigas de madeira. Na extremidade interna, onde as colunas eram cobertas de esmalte esplêndido, mas lascado, reinava ainda uma obscuridade respeitosa, bem como um cheiro de incenso e de oferendas queimadas. No altar de pórfiro, sob o qual havia um duto aberto para o céu, o fogo sagrado ardia em seu relicário de bronze. A chama estava baixa e a caixa de combustível, vazia. O acólito de cabeça raspada olhou da caixa para o sacerdote. Mesmo em sua distração, ele percebeu.

— Apanhe combustível. O que está esperando? Será que um rei precisa morrer quando convém à sua preguiça? Mexa-se! Você foi concebido quando sua mãe dormia e roncava.

O acólito abaixou a cabeça displicentemente. A disciplina do templo não era rigorosa.

O sacerdote disse:

— Não vai ser agora. Talvez nem mesmo hoje. Ele é forte como um leão da montanha; vai resistir à morte.

Dois vultos altos apareceram na extremidade aberta do templo. Eram dois sacerdotes com as mitras de feltro dos caldeus. Aproximaram-se do altar com os gestos rituais, inclinando-se com as mãos sobre a boca.

— Nada ainda? — indagou o sacerdote marduk.

— Não — respondeu um dos caldeus. — Mas não vai demorar. Ele não pode falar. Na verdade, mal respira, mas quando ouviu o clamor dos soldados da sua terra natal, ordenou que entrassem. Não os comandantes, que já estavam ao lado dele, mas os lanceiros, os soldados comuns. Levaram metade da manhã passando pela câmara, e ele cumprimentou a todos com sinais. Isso o exauriu, e agora está no sono da morte.

Uma porta se abriu atrás do altar, e dois sacerdotes marduk entraram. Por um momento, foi possível entrever a sala luxuosa de onde vinham, as tapeçarias e o brilho do ouro. Um cheiro de carne temperada invadiu o ar. A porta se fechou.

Os caldeus, lembrando um antigo escândalo, trocaram olhares significativos. Um deles afirmou:

— Fizemos o possível para afastá-lo da cidade, mas ele ouviu dizer que o templo não foi restaurado e pensou que estávamos com medo.

Um sacerdote marduk disse secamente:

— O ano não foi bom para grandes obras. Nabucodonosor construiu num ano pouco auspicioso. Seus escravos estrangeiros sempre se rebelavam e atiravam uns aos outros do alto da torre. Quanto a Sikandar, ele estaria ainda feliz, a salvo em Susa, se não tivesse desafiado o deus.

Um dos caldeus acrescentou:

— Parece-me que ele fez o bastante pelo deus, chamando-o de Hércules. — Olhou para o prédio em ruínas. Sua expressão dizia: “Onde está o ouro que o rei deu a vocês para reconstruir o templo? Vocês o comeram e beberam?”.

Fez-se um silêncio hostil. Com suave dignidade, o chefe dos sacerdotes marduk disse:

— Sem dúvida sua predição foi acertada. E depois disso, leram outra vez os céus?

As mitras altas inclinaram-se em assentimento. O caldeu mais velho, com a barba prateada no rosto moreno e o manto purpúreo, fez um sinal para o sacerdote marduk, chamando-o para a extremidade desmoronada do templo.

— Isto é o que está previsto para a Babilônia — disse ele, girando no ar o bastão com a estrela de ouro, mostrando as paredes desmoronadas, o telhado remendado, os precários suportes de madeira, o chão calcinado pelo fogo. — Isto por algum tempo e depois... A Babilônia deixará de existir.

Caminhou na direção da entrada e parou para ouvir, mas os ruídos da noite continuaram imutáveis.

— O céu diz que começa com a morte do rei.

O sacerdote pensou no jovem brilhante, que oito anos antes chegara oferecendo um tesouro e incenso da Arábia, e no homem que havia voltado naquele ano, abatido e cheio de cicatrizes, o cabelo vermelho-dourado queimado de sol e grisalho, mas com a mesma chama nos olhos profundos, com o reflexo do encanto descuidado do jovem adorado, ainda terrível em sua ira. O perfume do incenso pairou no ar; o ouro ficou muito tempo mais no cofre. Mesmo nas mãos de homens que gostavam de viver bem, a metade ainda estava guardada, mas para o sacerdote de Bel-Marduk não havia mais prazer naquela riqueza, que falava agora de chamas e de sangue. Seu espírito perdera a força, como o fogo do altar quando o combustível era pouco.

— Nós veremos isso? Aparecerá um novo Xerxes?

O caldeu balançou a cabeça.

— Uma morte, não um assassinato. Outra cidade se erguerá, e a nossa vai desaparecer. Está sob o signo do rei.

— O quê? Então ele vai viver?

— Ele está morrendo, como eu já disse, mas seu signo caminhará entre as constelações durante mais anos do que podemos contar. Vocês não viverão para ver seu ocaso.

— Então é assim? Bem, durante sua vida ele não nos fez nenhum mal. Talvez nos poupe depois de morto.

O astrólogo franziu a testa, como um adulto à procura de palavras que uma criança pudesse entender.

— Está lembrado do fogo que veio do céu no ano passado? Ouvimos dizer onde caiu e fomos até lá, numa jornada de sete dias. Iluminou o céu com mais claridade que a lua cheia, mas quando chegamos, vimos que tinha se partido em pedaços de brasa quente, queimando a terra em volta. Um lavrador levou um deles para casa porque naquela noite sua mulher deu à luz dois filhos gêmeos, mas um vizinho o roubou para usar a luz e o calor. Os homens lutaram e ambos morreram. Outro pedaço caiu aos pés de um menino mudo e ele recuperou a fala. Um terceiro ateou o fogo que destruiu uma floresta, mas o Mago do local ficou com o pedaço maior e construiu nele um altar de fogo, por causa da força da luz quando estava no céu. Tudo isso por uma estrela. Assim será.

O sacerdote inclinou a cabeça. O aroma de comida bem temperada veio da cozinha. Era melhor convidar os caldeus do que deixar a carne estragar com a demora. Não importava o que diziam as estrelas, boa comida era boa comida.

O velho caldeu disse, olhando para as sombras:

— Aqui onde estamos, o leopardo criará seus filhotes.

O sacerdote fez uma pausa adequada. Nenhum som vinha do palácio real. Com sorte, talvez tivessem tempo para comer alguma coisa antes de ouvir os lamentos.

* * *

As paredes do palácio de Nabucodonosor, com 1,80 metro de espessura, eram recobertas de azulejos azuis vitrificados para refrescar, mas o calor do verão penetrava em tudo. O suor pingou do pulso de Êmenes manchando a tinta do papiro. A tábua de cera que ele copiava brilhava úmida, e ele a mergulhou na bacia com água que seu assistente deixara ao lado, com os outros instrumentos, para manter a superfície firme. A argila molhada usada pelos escribas locais endurecia muito depressa; não dava tempo para a revisão. Pela terceira vez ele foi até a porta, procurando um escravo para manejar a corda da panca.¹ Mais uma vez, os sons confusos e abafados — passos macios, vozes furtivas, respeitosas ou lamentosas — o fizeram voltar para trás da cortina, para sua tarefa monótona. Bater palmas, chamar, gritar uma ordem, tudo isso era inconcebível.

Ele não queria o assistente, que falava demais, mas gostaria da ajuda do escravo silencioso e do conforto da panca. Examinou o pergaminho inacabado preso à sua mesa de trabalho. Fazia vinte anos que ele não escrevia uma carta que não fosse extremamente secreta. Por que então estava escrevendo aquela, que só por milagre seria enviada? Milagres aconteciam, mas certamente não naquele momento. Era alguma coisa para fazer, fechando a porta para o futuro desconhecido. Sentou-se outra vez, tirou o tablete de cera da água, enxugou a mão com a toalha deixada pelo assistente e apanhou a pena.

É os navios comandados por Nearco vão se reunir na foz do rio, onde eu os revistarei, enquanto Perdicas traz o exército da Babilônia. E sacrifícios serão feitos no local para os deuses apropriados. Então assumirei o comando da Força Militar e começarei a marcha para o Oeste. O primeiro estágio...

1. Placa suspensa no teto, que se move por meio de cordas, usada nos países quentes do Oriente como ventilador. (N. T.)

Quando tinha cinco anos, antes de aprender a escrever, ele entrara no escritório do rei.

— Êumenes, o que é isso?

— Uma carta.

— Que palavra é esta que você escreveu tão grande?

— O nome do seu pai. Filipe, rei dos macedônios. Agora estou ocupado, vá brincar.

— Escreva meu nome para mim. Escreva, querido Êumenes, por favor.

Dei a ele seu nome escrito nas costas de um documento inutilizado. No dia seguinte, ele aprendeu as letras do seu nome e o gravou várias vezes na cera da missiva real para Cersobleptes da Trácia. Eu o castiguei com minha régua...

A porta maciça estava aberta por causa do calor. Um passo apressado, semicontido, como tudo o mais, aproximou-se da sala. Ptolomeu puxou a cortina para o lado e a fechou depois de entrar. Linhas profundas revelavam a fadiga no rosto castigado por muitas batalhas. Passara a noite em claro, sem o estímulo da ação. Tinha 43 anos e parecia mais velho. Êumenes esperou, em silêncio.

— Ele deu o anel a Perdicas — disse Ptolomeu.

Silêncio. O rosto alerta do grego Êumenes — não o de um intelectual, pois havia servido como soldado — observou o macedônio, impassivo.

— Para quê? Como suplente? Ou como regente?

— Uma vez que ele não pode falar — ironizou Ptolomeu —, jamais saberemos.

— Se ele aceitou a morte — observou Êumenes —, podemos presumir o segundo. Caso contrário...?

— É tudo igual agora. Ele não vê nem ouve. Está no sono da morte.

— Não esteja tão certo. Ouvi falar de homens considerados mortos e que mais tarde disseram ter ouvido tudo.

Ptolomeu controlou um gesto de impaciência. Esses gregos cheios de ideias. Ou do que ele tem medo?

— Eu vim porque você e eu o conhecemos desde que ele nasceu. Não quer estar ao lado dele?

— Os macedônios querem a minha presença? — A antiga mágoa franziu por um momento os lábios de Êumenes.

— Ora, não diga isso. Todos confiam em você. Logo vamos precisar da sua ajuda.

O secretário começou a arrumar a mesa lentamente. Disse, limpando a pena:

— E nada até agora sobre um herdeiro?

— Perdicas perguntou enquanto ele ainda podia murmurar um pouco. Ele disse apenas: “Para o melhor homem. *Hoti to kratisto*”.

Êumenes pensou: *Dizem que os agonizantes podem profetizar*. Estremeceu.

— Ou — acrescentou Ptolomeu — pelo menos foi o que Perdicas nos disse. Ele estava inclinado sobre o leito. Ninguém mais podia ouvir.

Êumenes colocou a pena na mesa e ergueu os olhos rapidamente.

— Ou *Cratero*? Disse que ele murmurou, estava respirando com dificuldade.

Entreolharam-se. Cratero, o comandante de mais alta patente do Estado-Maior de Alexandre, estava marchando para a Macedônia, com a intenção de tomar a regência de Antípatro.

— Se *ele* esteve no quarto...

Ptolomeu deu de ombros.

— Quem sabe? — Consigo mesmo, ele pensou: *Se Heféstion estivesse lá... Mas se ele estivesse vivo, nada disso teria acontecido. Ele não teria feito as loucuras que o levaram à morte. Ir para a Babilônia em pleno verão... andar de barco nos charcos imundos do rio... Mas não se pode falar sobre Heféstion com Êumenes*. — Esta porta é pesada como um elefante. Quer que a feche?

Parando à soleira, Êumenes disse:

— Nada sobre Roxane e o filho? Nada?

— Faltam quatro meses. E se for menina?

Saíram para o corredor escuro o macedônio alto e robusto e o grego magro. Um jovem oficial macedônio aproximou-se correndo, quase colidiu com Êumenes e murmurou uma desculpa. Ptolomeu perguntou:

— Alguma mudança?

— Não, senhor, acho que não. — Engoliu em seco e viram que o homem estava chorando.

Quando o oficial se afastou, Ptolomeu disse:

— Aquele jovem acredita na morte dele. Eu ainda não posso acreditar.

— Bem, vamos então.

— Espere. — Ptolomeu segurou o braço dele, levou-o de volta ao escritório e empurrou a porta pesada de ébano, que se abriu com um rangido. — Acho melhor eu dizer isso agora enquanto há tempo. Você devia ter sabido antes, mas...

— Sim, sim — disse Êumenes, impaciente.

Ele havia brigado com Heféstion um pouco antes de sua morte e desde então Alexandre o tratava com certa frieza.

Ptolomeu disse:

— Estatira está grávida também.

Êumenes, que dera alguns passos em direção à porta, parou imóvel.

— Quer dizer, a filha de Dario?

— Quem mais poderia ser? Ela é a esposa de Alexandre.

— Mas isso muda tudo. Quando...?

— Não está lembrado? Não, é claro, você estava na Babilônia. Quando ele se recuperou da dor da morte de Heféstion — não podia evitar aquele nome para sempre —, ele partiu para a guerra contra os cossianos. Eu arranjei isso. Conteí que eles estavam cobrando pedágio nas estradas e ele ficou furioso. Alguma coisa tinha de ser feita, e ele agiu certo. Depois de derrotá-los, quando voltava para cá, ele passou uma semana em Susa, para visitar Sisigambis.

— Aquela bruxa velha — disse Êumenes, com amargura. *Se não fosse por ela*, pensou, *os amigos do rei jamais teriam de suportar esposas persas*. A cerimônia de casamentos em massa, em Susa, foi como uma peça de magnificência divina, até ele se encontrar de repente sozinho num pavilhão, na cama, com uma dama da nobreza persa, cujos unguentos lhe causavam repulsa e que só sabia dizer em grego: “saudações, meu senhor”.

— Uma grande dama — disse Ptolomeu. — Uma pena que a mãe não fosse igual. *Ela* o teria obrigado a casar antes de ir para a Macedônia e teria providenciado um filho. Ele podia ter um herdeiro com quatorze anos agora. *Ela* não o teria feito tomar horror ao casamento quando era ainda uma criança. Ninguém pode ser culpado por ele não estar preparado até encontrar a bactriana.

Era assim que, em particular, a maioria dos macedônios referia-se a Roxane.

— O que está feito está feito, mas Estatira... Perdicas sabe?

— Por isso ele perguntou o nome do herdeiro.

— E mesmo assim ele não disse?

— “Para o melhor”, foram suas palavras. Deixou para nós, os macedônios, a escolha, quando eles tiverem idade. Sim, ele é um macedônio até o fim.

— Se forem meninos — lembrou Êumenes.

Ptolomeu, imerso em pensamentos, finalmente disse:

— E se atingirem a idade.

Êumenes ficou calado. Seguiram pelo corredor escuro com as paredes de azulejos azuis, na direção da câmara da morte.

* * *

O quarto de Nabucodonosor, antes tipicamente assírio, fora aos poucos adquirindo o estilo persa, à medida que por ele passavam os reis posteriores a Ciro. Cambises havia enfeitado as paredes com troféus conquistados no Egito. Dario, o Grande, cobrira as colunas com ouro e malaquita. Xerxes estendera num dos lados o manto bordado de Atenas, resultado do saque do Parthenon. Artaxerxes II havia contratado artesãos de Persépolis para fazer o grande leito no qual Alexandre jazia, agonizante.

O estrado sob o leito era coberto por tapeçarias vermelhas tecidas com fios e galões de ouro e prata. O leito tinha 2,75 metros de comprimento, por 1,80 de largura. Dario III, com 2,10 metros de altura, tinha bastante espaço. O dossel alto apoiava-se em quatro *daimons*² do fogo de ouro, com asas de prata e olhos de pedras preciosas. Recostado numa pilha de travesseiros, para respirar melhor e parecendo pequeno no meio de todo aquele esplendor, o homem agonizante estava nu. Um lençol fino de linho fora estendido cobrindo parte do seu corpo, quando ele parou de se agitar e contorcer. Molhado de suor, o linho parecia esculpido sobre o corpo.

Num ciclo monótono, a respiração áspera e baixa subia de tom gradualmente e então parava. Depois de uma pausa durante a qual ninguém respirava no quarto, começava novamente, lenta, no mesmo crescendo.

Até pouco tempo mal se ouvia outro som, mas agora que ele não mais respondia à voz nem ao toque, ouvia-se um murmúrio suave, muito baixo e cauteloso, discreto demais para ser localizado. O acompanhamento do forte ritmo da morte.

Perdicas, ao lado da cabeceira, ergueu para Ptolomeu as sobrancelhas espessas. Era alto, como a maioria dos macedônios, mas sua pele tinha coloração diferente e em seu rosto transparecia a autoridade, que lhe era habitual. Seu gesto silencioso significava: “Nenhuma mudança ainda”.

O movimento de um leque de penas de pavão chamou a atenção de Ptolomeu. Ali, sentado ao lado do leito, sem dormir há dias, estava o menino persa. Ptolomeu ainda pensava nele assim, embora já tivesse 23 anos. Era difícil calcular a idade de um eunuco. Com dezesseis anos, ele fora levado para Alexandre por um general persa envolvido no assassinato de Dario, para dar testemunho que o exonerava de culpa. O menino persa era bem qualificado para fazer isso, uma vez que fora protegido do rei e sabia tudo o que se passava na corte. Ele ficou para contar sua história aos cronistas e desde então nunca mais se afastou de Alexandre. Não restara muita coisa da famosa beleza que

2. Daimons ou demônios: na mitologia grega, deuses secundários, como um herói deificado. (N. T.)

havia encantado dois reis, em dois reinados. Os grandes olhos negros estavam fundos no rosto mais abatido que o do homem na cama, consumido pela febre. Estava vestido como um criado. Por acaso temia ser expulso se notassem sua presença? O que *ele* pensa, imaginou Ptolomeu. Deve ter deitado com Dario neste mesmo leito.

Uma mosca pairou sobre a testa de Alexandre, que estava coberta de suor. O persa a espantou, depois largou o leque, mergulhou uma toalha na água perfumada da bacia e passou no rosto imóvel.

No princípio, Ptolomeu detestava aquela presença exótica e constante nos aposentos de Alexandre, que o encorajava a assumir os trajes reais dos persas e os costumes da corte persa, contando com sua atenção dia e noite, mas era como um objeto com que a pessoa se acostumava. No meio da dor e da sensação de crise iminente, Ptolomeu sentiu uma ponta de piedade. Adiantou-se e tocou o ombro do persa.

— Vá descansar um pouco, Bagoas. Deixe que um dos outros camareiros faça isso.

Um grupo de eunucos da corte, as viúvas de Dario e até mesmo de Ochus avançaram oficialmente. Ptolomeu disse:

— Você sabe que agora ele não notará a diferença.

Bagoas olhou em volta, com a expressão de quem acabava de ser informado da própria execução, uma sentença esperada havia muito.

— Está bem — disse Ptolomeu, gentilmente. — É seu direito, fique, se é o que deseja.

Bagoas tocou a testa com a ponta dos dedos. A interrupção terminara. Mais uma vez, olhando fixamente para os olhos fechados de Alexandre, abanou com o leque, movimentando o ar quente da Babilônia. *Ele tem um grande poder de resistência*, pensou Ptolomeu. Conseguiu até sobreviver à tempestade depois da morte de Heféstion.

Contra a parede mais próxima do leito, numa mesa maciça como um altar, o corpo de Heféstion continuava a ser venerado. Venerado e multiplicado. Lá estavam as estatuetas e os bustos, presentes de amigos no momento de dor, assíduos pretendentes de posições, homens assustados que tiveram desavenças com o morto; encomendados aos melhores artistas encontrados às pressas, para consolar a dor de Alexandre. Lá estava Heféstion em bronze, um Ares nu com escudo e lança. Esplêndido com armadura de ouro, membros e rosto de marfim. Em mármore pintado com uma coroa de louros dourada. Com uma flâmula de guerra prateada para o esquadrão que teria seu nome

e como um semideus, a primeira maquete para a estátua que seria cultuada no seu templo em Alexandria. Alguém abriu um espaço para alguns objetos necessários ao doente, derrubando um pequeno Heféstion de bronze dourado. Com um rápido olhar para o rosto imóvel no travesseiro, Ptolomeu levantou a estatueta. *Que esperem até ele ter partido.*

O som muito leve atraiu a atenção de Êumenes, que imediatamente desviou os olhos.

Ptolomeu pensou: *Você não tem nada a temer agora, ou tem? Oh, sim, ele podia ser arrogante uma vez ou outra. Perto do fim, ele pensava que era o único que o compreendia — e talvez estivesse certo. Aceite, Êumenes, ele foi bom para Alexandre. Eu sabia desde que os dois estavam na escola. Ele era alguém e ambos sabiam disso. O orgulho de que você não gostava, foi a salvação de Alexandre. Nunca procurando agradar, nunca se impondo, nunca invejoso, nunca falso. Ele amava Alexandre e jamais o usou, era tão bom quanto ele nas aulas de Aristóteles, nunca perdeu uma competição para ele deliberadamente. Até o fim dos seus dias, ele poderia falar com Alexandre de homem para homem, poderia dizer o que estava errado, e nem por um momento o temeu. Ele o salvou da solidão e quem sabe do que mais? Agora ele se foi, e isso é o que nós temos. Se estivesse vivo, estaríamos todos num banquete, em Susa, não importa o que dizem os caldeus.*

Um médico apavorado, enviado por Perdicas, pôs a mão na testa de Alexandre, encostou os dedos no seu pulso, murmurou alguma coisa de maneira grave e se afastou da cama. Enquanto pôde falar, Alexandre recusara a presença de um médico, e mesmo quando ele estava quase inconsciente não encontraram nenhum disposto a tratá-lo, porque não queriam ser acusados de ministrar veneno ao doente. Agora não tinha mais importância, ele não podia engolir. *Maldito seja aquele charlatão que deixou Heféstion à morte e saiu para assistir aos jogos. Se eu pudesse o enforcava outra vez.*

Durante muito tempo, parecia que a cada mudança a respiração rouca ia se transformar nos últimos haustos de vida, mas como se o contato dos dedos do médico tivesse despertado uma tênue chama, o estridor tomou um ritmo mais regular e as pálpebras moveram-se levemente. Ptolomeu e Perdicas deram um passo em direção ao leito, mas o discreto persa, que todos haviam esquecido, inclinou-se num gesto de intimidade sobre a cabeça no travesseiro, emoldurada pelos cabelos longos. Bagoas murmurou docemente. Os olhos cinzentos de Alexandre se abriram. Algo fez estremecer a cortina de cabelos sedosos.

— Ele moveu a mão — disse Perdicas.

A mão estava outra vez imóvel, os olhos outra vez fechados, mas Bagoas, como num transe, continuava na mesma posição. Perdicas contraiu os lábios. Havia toda espécie de gente naquele quarto, mas antes que ele pudesse se adiantar com uma repreensão, o persa voltou a se sentar no estrado e apanhou o leque. Se não fosse por esse movimento, podia se passar por uma estátua de marfim.

Ptolomeu percebeu que Êumenes estava falando com ele.

— O quê? — perguntou bruscamente. Estava quase chorando.

— Peucestas está chegando.

O grupo de funcionários abriu passagem para o macedônio alto, de corpo bem-feito, vestido como um persa, até mesmo — para desaprovação da maior parte dos seus concidadãos — com a calça típica. Quando deixou a satrapia de Perses, ele adotara o traje nativo para agradar Alexandre, evidentemente sabendo que lhe ficava muito bem. Perdicas foi ao encontro dele.

Ouviu-se um murmúrio geral. Os olhos dos dois homens trocaram suas mensagens. Perdicas disse formalmente para o grupo presente ouvir:

— Recebeu um oráculo de Sarápis?

Peucestas inclinou a cabeça assentindo.

— Fizemos a vigília da noite. De madrugada, o deus disse: “Não tragam o rei ao templo. É melhor para ele ficar onde está”.

Não, pensou Êumenes, *não haverá mais nenhum milagre*. Por um momento, quando a mão se moveu, ele quase acreditou que ia acontecer.

Voltou-se, procurando Ptolomeu, mas este havia saído para se recompor da dor. Foi Peucestas que, afastando-se do leito, perguntou:

— Roxane já sabe?

* * *

O harém do palácio era um claustro espaçoso construído em volta de um lago com lírios. Ali também as palavras eram apenas murmuradas, mas num tom diferente. Os poucos homens no mundo das mulheres eram eunucos.

Nenhuma das mulheres que viviam no harém conhecia o rei que agora agonizava. Ouviam falar dele, ele as mantinha em conforto e livres de perigos, elas esperavam a visita que jamais tinha sido feita. E isso era tudo, exceto que não sabiam quem as herdaria. Dentro de poucos instantes, não existiria nem mesmo o Grande Rei. O medo secreto abafava a voz delas.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA INFORMAÇÕES DE TODOS
OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



Campanha



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro. Faça o teste. Não fique na dúvida!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM ABRIL DE 2023